

MARTHA MEDEIROS: O JOGO COM O SIMBÓLICO NA POESIA FEMININA CONTEMPORÂNEA

Marcos de Carvalho – UNIFAL/MG¹

RESUMO: No contexto da relação entre literatura e outros saberes, destacamos as interfaces que se estabelecem entre a poesia de uma autora brasileira contemporânea, Martha Medeiros, e o conceito de "violência simbólica" cunhado por Pierre Bourdieu. Discutimos a maneira como a poetisa se relaciona com os princípios da dominação simbólica, cedendo a algumas armadilhas dos símbolos, mas indicando um manejo algo consciente deste mesmo referencial. A pergunta que fazemos é se não seria, este manuseio deliberado do material simbólico, uma marca da contemporaneidade e o indicativo de um novo patamar no intrincado logo das relações entre o masculino e o feminino.

Palavras-chave: poesia, autoria feminina, violência simbólica, Martha Medeiros

RESUMEN: En el contexto de la relación entre la literatura y otros saberes, destacamos las interfaces que se establecen entre la poesía de una autora brasileña contemporánea, Martha Medeiros, y el concepto de "violencia simbólica" cuñado por Pierre Boudieu. Discutimos la manera como la poeta se relaciona con los principios de la dominación simbólica, cediendo a algunas artimañas de los símbolos, pero indicando un manejo algo consciente de este mismo referencial. La pregunta que hacemos es si no sería, este manoseo deliberado del material simbólico, una marca de la contemporaneidad y el indicativo de un nuevo nivel en lo intrincado logo de las relaciones entre lo masculino y lo femenino.

Palabras-llave: poesía, autoría femenina, violencia simbólica, Martha Medeiros.

O simbolismo e a "violência simbólica"

Foi Ernst Cassirer, na *Filosofia das Formas Simbólicas*, quem propôs um novo epíteto para o ser humano, o de *animal simbólico*, em lugar do de *animal racional*, referendado pela leitura metafísico-científica e hegemônico desde os idos de Sócrates, Platão e Aristóteles. Entendermo-nos como *homo symbolicus*, nesta acepção de Cassirer, implica rejeitar a idéia de que o pensamento se estabeleça unicamente pelo viés lógico e objetivo, isto é, que somos os donos, os agentes exclusivos do nosso pensar, tanto para o bem como para o mal.

1

Doutor e Mestre em Poética (UFRJ) e Doutor em Educação (UFF) – E-mail: carvalhomarcosde@globocom

Neste estudo, o objetivo é perscrutar alguns aspectos específicos da obra poética de Martha Medeiros. O enfoque será, de modo geral, o da investigação simbólica, mas num aporte bem mais estrito que o apontado por Cassirer. Interessa-nos aqui uma das formas que este substrato simbólico pode tomar, uma forma que faz com que ele se imiscua no tecido sócio-cultural e acabe por revelar aspectos pertinentes da obra poética da autora em questão: a violência simbólica.

Entendemos por violência simbólica, numa aproximação ao pensamento de Pierre Bourdieu, que cunhou o termo e se dedicou com afinco a descrevê-lo, como manifestações de uma:

Violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2009, pp. 7-8).

Ainda para Bourdieu, o desvelamento simbólico seria possível pela anamnese das constantes ocultas, o que resulta na explicitação da maquinaria simbólica subjacente à perpetuação das relações discriminatórias. Isso equivale a dizer que tocar no véu da violência simbólica é trazer à superfície mecanismos que agem dissimulando, mas também legitimando, relações profundas de poder e de dominação.

A aplicação da anamnese simbólica a contextos sócio-culturais ou artísticos – Bourdieu irá se referir de maneira explícita às metáforas dos poetas – acaba por criar uma espécie de método ou contra-método, um caminho de desvelamento simbólico em que:

É preciso (...) começar desligando-nos de tudo aquilo que o conhecimento do modelo acabado do “inconsciente” androcêntrico permite detectar e compreender nas manifestações do inconsciente que é o nosso, e que se entrega ou se trai, em relances, nas metáforas do poeta ou nas comparações familiares destinadas, por sua evidência mesma, a passar despercebidas. (BOURDIEU, 2009, p. 69).

Este é o trajeto do cotejo teórico que estabeleceremos com a obra de Martha Medeiros, ou seja, iremos nos dedicar à anamnese simbólica de alguns de seus poemas e discutir aspectos que se nos revelarem, tendo sempre como pano de fundo a conceituação

que Pierre Bourdieu estabeleceu para violência simbólica. Os poemas serão vistos como verdadeiras telas sobre as quais se encontram projetados valores e posicionamentos inconscientes, mas também como receptáculos nem sempre dóceis a esta transfusão simbólica. O que queremos dizer é que, em muitos casos, as próprias autoras (isso se aplica de maneira especial a Martha Medeiros) parecem se aperceber de que estão sendo “usadas pelos símbolos”, e acabam elaborando estratégias próprias e inusitadas para cessar ou deslocar este trânsito inconsciente.

Martha Medeiros: consciência e dominação como um jogo de imagens cambiáveis

Uma das questões que se coloca ao estudo do simbolismo em geral e que também acaba por se instalar no cerne das discussões sobre a violência simbólica é a possibilidade ou não de configurarmos um limite entre o que se manifesta de maneira inconsciente – isso, aliás, se tornou uma das prerrogativas do simbólico – e, por outro lado, o que já começa a ser um artifício consciente, um recurso expressivo mesmo, do autor ou do poeta. No caso da literatura de autoria feminina, esta se torna uma fronteira tão interessante como perigosa.

Martha Medeiros, poetisa e cronista gaúcha radicada no Rio de Janeiro, tem entre seus poemas exemplos muito interessantes que nos permitem discutir a violência simbólica situando-nos neste limiar entre o inconsciente, o simbólico, e seu possível duplo, o consciente, o intencional.

Este enfoque se reveste de especial significação se levamos em conta que uma autora contemporânea, como Martha, tem um imenso retrospecto histórico que conta a seu favor quando a comparamos com autoras de outras épocas. Não há como diminuir o fato de que as mulheres brasileiras do final do século XX e início do XXI têm tornado obsoleta a antiga hierarquia de papéis, que determinava o comportamento adequado a uma mulher seja em casa seja no convívio social.

Seria então o caso de pensar que as poetisas da contemporaneidade não se fariam, em nenhuma circunstância, reféns das artimanhas do simbólico, já que estas estratégias de jugo e de dominação já são conhecidas e estão sobejamente explicitadas? Ou seja, não parece concebível pensar que uma mulher esclarecida dos nossos dias não perceba ao

menos parte das significações mais profundas transmitidas por seus textos.

A conclusão, no entanto, não é definitiva, pois é também difícil imaginar – notadamente depois de Freud – que seja possível a qualquer pessoa, homem ou mulher, controlar as implicações simbólicas e inconscientes de sua expressão oral e escrita. Parodiando Drummond, poderíamos dizer que lutar com os símbolos, isto sim é que parece ser a luta mais vã.

Martha Medeiros parece acompanhar a discussão proposta acima ao abdicar voluntariamente da posse de uma consciência expressiva. Chega a colocar seus poemas como um território não controlado e em que ela, poetisa, se manifesta como uma outra em si mesma:

*quanto mais palavras saem de minha boca
mais me dou conta de que não sou eu que falo
pois o que penso não tem nada a ver
e o que faço já é outro papo
e o que pareço já nem sei contar*
(PR, p. 23)²

A leitura que faremos da poesia de Martha Medeiros oscilará, portanto, entre estes dois limites ou estas duas possibilidades de limite. De um lado, o intrigante aspecto de que um autor contemporâneo possa de alguma maneira manusear os símbolos, brincar com eles – certo que, neste caso, o símbolo talvez já se tivesse transformado em outra coisa. De outro lado, a manifestação inconsciente como pertença do simbólico, conforme com os princípios de um Bourdieu, de um Cassirer, de um Mircea Eliade.

De início, o que se pode observar é que o jogo simbólico faz parte da expressão poética de Martha Medeiros. Brincar com os símbolos, ora submetendo-se a eles, ora desancando-os é uma constante de sua poesia. Isso equivale a dizer que encontraremos em seus versos duas posturas basilares, uma de negociação com símbolos tradicionais, como a aparente concordância com os papéis preestabelecidos para um casamento, por exemplo, e outra, a iniciativa de criticar duramente os papéis simbólicos associados ao feminino pela sociedade patriarcal, como a seguir:

² Utilizaremos para os poemas de Martha Medeiros os seguintes códigos: PR, para a edição da Poesia Reunida, e CE, para o livro Cartas extraviadas e Outros Poemas.

*a pia cheia de louça me convida a ficar afastada
não sou uma mulher que encontra sua essência
entre esponjas e detergentes, antidoméstica
não varro, não tiro o pó dos móveis, a casa se deteriora
o tecido do sofá, roto, denuncia
os sonos ali dormidos sem tirar os sapatos
as manchas no assoalho comprovam o uísque derramado
e nas paredes, manchas de sangue de mosquitos
que ali pousaram e foram bem mirados
minha casa a passagem do tempo revela
as coisas sujam, insetos morrem, os pés trazem pra dentro
a imundície da rua, restos de comida e alguns poemas perversos
cada um deixa as pistas que pode*

(CE, p. 37)

No poema acima, podemos perceber uma forma de contraditório simbólico ou um simbolismo às avessas, isto é, Martha faz referência a uma série de procedimentos que condicionam o cotidiano da mulher comum, da mulher prendada, mas o faz de maneira espelhada, assumindo-se como a negação destes atributos.

É significativa a afirmação final de que “cada um deixa as pistas que pode”, pois nos leva a pensar que a mulher que agisse de maneira inversa, aquela que “encontra sua essência entre esponjas e detergentes” também deixaria marcas. Mas que marcas? As marcas indicativas da adequação aos papéis reservados para a mulher em seu cotidiano doméstico, as da submissão à violência simbólica própria destes papéis.

Significativa também a mensagem, quiçá inconsciente, de que recusar estes parâmetros de conduta faz da transgressora uma pessoa algo desmazelada, suja. O ideal higienista se apresenta, neste poema de Martha, como um revés simbólico ou uma vingança dos símbolos. Quer dizer que, para romper com os símbolos numa dada situação, parece necessário negociar com eles em outra: cada um deixa apenas as marcas desta escolha.

Temos, a seguir um poema que parece dialogar com o anterior. A poetisa, aliás, tem essa como uma de suas marcas: seus poemas acabam compondo uma rede, os temas voltam e são ruminados inúmeras vezes e de diversas maneiras.

*a verdadeira mulher liberada
não é a que deita sem ser casada
que toma um drinque depois das seis
que fez plástica mais de uma vez*

*que dirige uma empresa privada
que sai à noite sem ser escoltada
que não é financiada pelo seu ex
liberada é quem recusa clichês
e não dá queixa por ter sido cantada*

(PR, p.137)

Evidente aqui é a intenção de mexer nas peças de outra grande maquinaria simbólica: o imaginário feminista. O poema se propõe uma dessacralização de alguns dos pilares sobre os quais foi construída a imagem da mulher liberada: a liberdade sexual, a autodeterminação, a independência econômica. Tais valores, que se apresentaram a seu tempo como uma maneira de resistir à violência dos símbolos e de mudar o estatuto da condição feminina, podem acabar, contraditoriamente, por se constituir num revigorado rol de ditames e de amarras. Refutar estes novos “clichês” é, por incongruente que pareça, resistir novamente a uma violência de ordem simbólica, embora numa perspectiva quase oposta.

Martha Medeiros, como se percebe, embaralha, faz questão de embaralhar ao longo de sua obra poética, o que encontra de referências simbólicas ao feminino. É este jogo de possibilidades que a leva, nos dois poemas que se seguem, a simular um lúdico e saboroso conluio com o imaginário geralmente atribuído aos homens, o da vida e do sensualismo sem regras.

Primeiro um mini-estatuto poético, em que se desentranha uma “mulher da vida” de uma escravidão anunciada, o veículo deste afloramento é a escrita :

*quanto mais escrava
mais escrevo
pra libertar essa mulher da vida
que me habita*

(PR, p.13)

O jogo escrava/escrevo alimenta a transformação: quando escrevo, liberto a mulher da vida que há em mim e deixo, ao menos temporariamente, de ser escrava. Estabelece-se um equilíbrio de forças e de armas que vai redundar em uma reflexão mais vigorosa:

*ocê não imagina o que imaginei pra nós
transas nos lugares mais insólitos*

*poeira, estrada, bebedeira, arame farpado
sexo, cheiro azedo, línguas inquietas
teu jeito canastrão, eu meio vadia
ninguém é dono de ninguém, ninguém é
de ferro
suspense, tudo muito suado, berros,
vertigem
e uma gargalhada lá no finalzinho da
história
ao nos vermos no espelho, casados*
(PR, pp. 109-110)

O “canastrão”, personalidade típica do mundo masculino, encontra agora uma parceira à altura, a “vadia”.

Não há subjugação, “ninguém é dono de ninguém”, o que sinaliza, incontestemente, a contemporaneidade. Mas, no desfecho, a mulher reencontra seu escopo simbólico ou sucumbe perante ele. É que, afinal, tudo não teria passado de um mero estratagema para fazer o homem se vergar ao casamento, artilheiro feminino que remonta à pré-história. Perceba-se que aquele “casados” redimensiona toda a narrativa pregressa e arranca uma gargalhada, que não se sabe se é de espanto ou de intento realizado. O que o poema silencia (tergiverso bem-humorado com a autora) é se o homem, com o casamento, abdicará de sua canastrice congênita, e se a vadia, tempos novos de fato, abdicaria de converter-se em uma mera dona-de-casa.

E o jogo de imagens cambiáveis prossegue. Temos – é como dissemos uma marca da autora – a mulher que se bifurca entre duas trilhas simbólicas possíveis, uma, vertical, e outra, horizontal:

*na vertical
sou uma mulher de classe
na horizontal
a mulher de alguém
palavra cruzada
sem resposta na última página*
(PR, p.63)

Neste caso não é difícil perceber que o horizontalizar-se nada mais é do que a expressão de uma violência sutil mas aguda, em que a mulher se converte em “mulher de

alguém”. O poema e boa parte da poesia de Martha Medeiros estão imersos nesta charada simbólica, não admira que não se encontre resposta alguma na última página e, sim, outras e outras páginas em que se sucedem os combates entre o que torna a mulher vertical, a liberta, e o que a torna horizontal, uma quase refém da violência simbólica:

*eu te amo, mas quero viver sozinha
eu não te amo, mas preciso dormir com alguém*

*eu te amo, mas sonho em ter outros homens
eu não te amo, mas quero ter um filho*

*eu te amo, mas não posso prometer nada
eu não te amo, mas prefiro jantar acompanhada*

*eu te amo, mas preciso fazer uma viagem
eu não te amo, mas me cobram uma companhia*

*eu te amo, mas não sei amar
eu não te amo, mas queria*

(PR, p. 159)

Como se vê, a poetisa é uma exímia esgrimista quando se trata do golpe final. O desfecho de seus poemas quase sempre realimenta nossa leitura e, no âmbito de nossa discussão, recupera ordens simbólicas em dimensões inusitadas ou rompe com elas de maneira acachapante. Ao longo do poema acima há uma dialética perfeita, com dois jogos de contraditórios por estrofe, em que se consolida o embate entre a “mulher liberada” e a “mulher de alguém”.

O detalhe a nos determos é que o amor faz as vezes de um pêndulo. Ou seja, quando há o amor, a condição de mulher livre não permite que ele se realize. Quando não há o amor, há todo um rol de valores a que as mulheres ainda estão simbolicamente atadas. O desfecho embaralha ainda mais as cartas: o amor estaria no lugar errado? Por que o poema revela o desejo de amar quem não se ama, sabendo-se que o pólo do “não amor” é exatamente aquele que representa a mulher de alguém? Haveria aí uma recaída simbólica em que se valoriza novamente a segurança do abrigo masculino em detrimento das intempéries da liberdade?

Não há como deixar de ler nos versos que se seguem não uma resposta na última

página a tantas perguntas, mas uma nova rodada dialógica com novos elementos a deslindar:

*habito um castelo que cabe
na página dupla de uma revista semana!
não tem piscina nem árvores centenárias
mas tem eu cozinhando um espaguete
ele experimentando outro tempero
e nossa filha encantada nos provando
tem uma cortina que se abre
e deixa entrar o sol de fevereiro
tem um tapete que compramos outro dia
uma garagem entulhada de bagulhos
e nossa filha cantando no chuveiro
habitamos um castelo de verdade
que fica entre uma casa e uma igreja
não temos uma pia de granito
nem um lustre imitando os de Versailles
mas tem eu experimentando uma camisa
ele servindo outra fatia
e nossa filha alinhavando esse segredo
(PR, pp. 138-139)*

Chamam a atenção aqui as metáforas implícitas do “príncipe encantado” e do “foram felizes para sempre”. É claro que não há príncipe, mas há um “castelo de verdade” que, na verdade, não é um castelo. O príncipe encantado é um homem comum, que experimenta temperos enquanto ela cozinha o espaguete. Nada lembra Versailles, mas a fábula está completa. O segredo da felicidade sempiterna é a vida comum, com papéis simbólicos bem delimitados. É esse o segredo que a filha testemunha encantada e vai alinhavando este amarrilho que parece apontar para o futuro, para um episódio que talvez se dê com ela própria, mas que fica por ora como que em suspense.

Submersos no jogo dialético e simbólico de Martha Medeiros, não podemos nos furtar a reproduzir um outro poema, que parece fazer um contraponto quase cruel com este último:

*minha bisavó reclamava que minha avó
era muito tímida
minha avó pressionou minha mãe a ser
menos cética*

*minha mãe me educou para ser bem lúcida
e eu espero que minhas filhas fujam desse
cárcere
que é passar a vida transferindo dívidas
(PR, p. 158)*

Aqui a poetisa parece nos colocar frente a frente com a violência dos símbolos. O que é isso que faz as mulheres estarem sempre em débito? Por que há sempre algo a adequar ao modelo perfeito, num continuum de falta que é repassada de geração a geração e assim se pereniza?

A necessidade de suprir uma falta, de acudir um *déficit*, e que se transforma muitas vezes em confisco de sentimentos e em castração simbólica é o que acaba por adaptar a mulher ao que se espera dela. É o que aparece nos dois poemas com que concluo este périplo pela poesia de Martha Medeiros:

*vivi a ilusão da liberdade, daquela liberdade sonhada
em que se pode ser casada e solteira
infantil e madura, morena e oxigenada
aquela liberdade atemporal em que se pode fazer tudo
sem ser condenada
em que as leis são individuais, as faltas puras
vivi a ilusão de que poderia sobrevoar os edifícios e
sorrir feito criança, que poderia satisfazer meu corpo
sem pagar preço alto e até mesmo nenhum
a liberdade que cheguei a experimentar me tirou de
órbita
me fez perder peso, ganhar viço, acreditar
por uns instantes tive o gozo flutuante, fui inocente e
fui eu
eu fui eu por uns dias, eu fui eu por uns céus
fui ser quem eu era ao nascer, antes de ser educada,
resumida, adestrada, induzida, aplicada,
antes de ser abatida em pleno vôo
(CE, p. 69.)*

Ser livre implica, como se vê, um colocar-se desde a infância em oposição a algo e significa, se visto pelo prisma da mulher adulta, a reconquista de uma condição de não-punição implícita, de não-punição tácita.

O vôo da liberdade feminina, ainda hoje, é um vôo que se dá – quando se dá – sob a

ameaça de algo que o espreita. É este incógnito, este subliminar, este inconsciente que vai, aos poucos, educando, resumindo, adestrando, induzindo, aplicando... Parodiando Rita Lee, o que espreita o vôo feminino da liberdade é um “doce vampiro”, o vampiro da violência simbólica, cujas amarras e cujos chupões são ora indolores, ora prazerosos. Mas esta mansidão e estes disfarces não são suficientes para disfarçar a condição final de violência: o confisco da liberdade, o ser abatida em pleno vôo.

E encerramos com este:

*de alguma coisa serviu ser assaltada,
ter a ingenuidade recolhida,
o romantismo confiscado
e as lágrimas transferidas para outra conta:
não vão me roubar mais nada.*

(CE, p. 56)

De todos os poemas que estudamos de Martha Medeiros, este é o que melhor revela os estragos e as marcas da violência simbólica. Trata-se de poema-momento em que não há apenas a referência ao feminino que é abatido em pleno vôo, mas o retrato do corpo imobilizado pela(s) queda(s) o corpo sem mais nada e de que já não há mais o que ser roubado.

Terminamos com este poema fechado em si mesmo, mas que oportuniza destacarmos o fato de que a poetisa raramente deixa que cesse, em seus versos, o jogo dialético e dialógico dos contraditórios, do câmbio das diferentes visões e perspectivas. Esta é a matriz de sua poesia e aquilo que a nutre e a faz grande.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009

BUTLER, Judith. *El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad*. Barcelona: Paidós, 2007.

CASSIRER, Ernst. *Filosofia de las formas simbólicas*. (2 Vol.). México DF: Fondo de Cultura Económica, 1998.

MEDEIROS, Martha. *Cartas extraviadas e outros poemas*. Porto Alegre: LP&M, 2010.

_____. *Poesia reunida*. Porto Alegre: LP&M, 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.